

ECOS DE GUIMARÃES

Redacção e Administração

R. Gravador Moiarinho, 45
GUIMARÃES

ORGÃO MONARQUICO

Director, Propriet. e Editor

João Pereira da Costa

Comp. e Impr. Tip. Lusitania

R. Gravador Moiarinho
GUIMARÃES

Monsanto! Monsanto!

Este nome, constantemente pronunciado, insistentemente repetido pelos diversos agrupamentos políticos, echôa dolorosamente por todos os cantos de Portugal.

Porquê? Porque tamanha repercussão?

Não foi, acaso, uma retumbante victoria republicana?

Não foi uma tremenda derrota monarchica?

E'que Monsanto foi, principalmente, o calvario duma desgraçada Patria que, ainda não tinha expiado bastante esses "erros que de longe veem,..." Deus, na sua infinita sabedoria, ainda queria provar mais.

Monsanto, é um marco miliario de historia de Portugal; e ha de fazer pensar e reflectir, todos aquelles que, um dia, quizerem tentar bem comprehender este complexo e vertiginoso periodo.

Monsanto é um eterno padrao de gloria de *Causa Nacional da Monarquia*; porque, mais uma vez, afirmou a clarividencia politica dum povo que se quiz redimir; foi o despertar da consciencia nacional, adormecida pela oca pregação de desvariados ambiciosos e maus. Monsanto, foi um formidavel grito de salvagão, que, o feroz egoismo de tantos, a suacriminosa apatia, não deixou ouvir.

Monsanto, foi um generoso sacrificio; um holocausto sublime oferecido no altar da Patria.

Por isso Monsanto teve tanta repercussão; por isso ter estado em Monsanto é um titulo de gloria; porque é a expressão perfeita da abnegação no serviço da Causa do Rei que, mais do que nunca, é a causa da Patria.

Monsanto, para a republica, marca o inicio do aceleramento da catastrofe que se avizinha.

Para os monarchicos, a hora da rehabilitação.

Ao côro de imprecações que, de todos os lados se erguem, contra a obra demolidora dos republicanos, poderemos responder com a tranquillidade na consciencia:—porque nos não ajudaram na hora propria?

—Porque nos abandonaram?

E, no entanto, é para a Causa Monarchica que se voltam os olhos angustiados dos que sofrem. E' ela a unica esperança de melhores dias.

Fomos vencidos, é certo; dispersos! Mas, com que guardia setem suportado tantos revezes, tantas amarguras, tamanhas desditas!

Intensificou-se a Fé prodigiosa que sempre cerrou as nossas fileiras, dando á Causa Nacional da Monarquia, a consciencia da responsabilidade da missão que tem de cumprir.

Apavorosa crise mental em que nos debatemos e que atemorisa todos os "que nasceram portuguezes e portuguezes querem morrer," ha de dominar-se, pela disciplina.

A decadencia moral, logica consequencia das escolas sem Deus, ha de debelar-se, mercê de Deus, com o revigoramento da doutrina religiosa.

Porque a «Causa Monarchica, serobusteceu no reveze se dignificou no sacrificio.

Porque Portugal viu, finalmente, no seu Rei e nos que o cercam, o nucleo primordial da sua salvagão, da sua resurreição!

A Fé nos destinos da Patria, reavivou-se com o sangue dos martyres.

E a esperança radicou-se mais fundamente nos nossos corações.

A serenidade no cumprimento do dever, não tem abandonado nunca os combatentes de Monsanto. E com que orgulho, postos os olhos na nossa lemdaria Bandeira Azul e Branca, nós podemos bradar agora, como então, vibrantemente; tão vibrantemente que todos ouçam bem:

Viva a Patria!

Viva a Monarquia!

Viva o Rei D. Manuel II!

JULIO DA COSTA PINTO

ANTONIO GABRIEL PEREIRA

Passou a ser colaborador de o "Ecos," o nosso dedicado correligionario, e mimoso poeta de Vieira do Minho, snr. Antonio Gabriel Pereira. Seja bem vindo.

PAIVA COUCEIRO

Pedimos colaboração sobre o 19 de Janeiro ao grande portuguez que a republica mantém exilado para satisfazer odios que almas pequenas ainda acalentam, e o nosso queridissimo amigo esquivava-se ao nosso pedido numa carta em que o seu grande coração se mostra o que sempre foi — a bondade, sempre a bondade.

Não quere a principal figura desse dia depôr em causa propria, e nós entendemos que é o mais competente para o fazer. E' com o depoimento das personagens que deram alma aos acontecimentos que a historia ha-de fazer-se. Respeitamos, porem, a vontade de quem tudo tem dado ao seu paiz — a carreira, o bem estar, tudo enfim. «Prefiro não escrever para esse dia, porque sou nele parte suspeita, e tenho sobre esse assunto guardado silencio, deixando que o tempo faça justiça e que a verdade venha á superficie como sucede sempre, apesar de neste caso haver quem tenha interesse em delurpa-la e para isso lance mão de todos os meios. Apesar de tudo a verdade tem muita força. E ela irá luzindo e sobrepondo-se ás manobras dos que se acobertam com a mentira, e com as interpretações a seu geito. E os dedicados, e os leais cumpridores do dever, encontrarão o lugar que lhes pertence no conceito e na consideração publica».

O tempo, comandante, já fez justiça ao vosso gesto.

Abriu os olhos a todos e agora aceitam o termo da republica que saiu bem pior que eles julgavam.

E vós que ha treze anos trilhais os caminhos do exilio, podeis dizer com intima satisfação — se a patria se perde não sou eu quem nisso tem a mais pequena responsabilidade. Todos assim podessem falar. Não estaria a republica em pé, e com esta no tumulto melhores dias haveria para nós.

Expediente

A todos os nossos prezados subscritores que tenham os seus recibos em atraso pedimos para mandarem entregar a respectiva importancia na administração deste jornal.

Ainda é tempo

Alguns individuos tem estranhado que nós nada dissessemos sobre o desastre que vitimou aquele desgraçado, ha dias, no Toural. Nada dissemos porque, ha muito, nos convencemos que em tudo que respeite ao snr. Concessionario da luz electrica, nem vale a pena falar. O que a cidade que tanto barafusta contra o snr. Jordão devia ter feito era impedir por todos os feitos que aquela coisa da alta tensão fosse efectuada. Não o fizeram e talvez esses que agora tanto estranhem o nosso silencio se zangassem quando nós com insistencia falamos dos castos. Que lucravamos nós em dizer que morreu um homem?

Fariamos o snr. Jordão mais previdente? Deixaria a tal alta tensão de continuar como até aqui? Não. Continuará tudo na mesma. Morreu aquele infeliz e pode a manhã morrer outro que o snr. Jordão continuará a sua vida de negocios. O mal, senhores censores, está no abandono a que a cidade votou a questão no principio. Uns por covardia, outros por interesse, todos se calaram.

E o que estranhamos devéras é que os correligionarios do snr. Jordão o censuram quando quem auctorizou a tal coisa foi a Camara, feita á imagem e semelhança de suas senhorias. Não quem agora que morra-ninguém?

Pois acabem com a causa dos desastres. Não somos nós quem fará desaparecer esses males, chorando sobre o morte dum desgraçado, morte que, com certeza, não impediu que o snr. Jordão comesse e dormisse no dia do sinistro.

Se acham que procedemos mal, calando-nos, mostrem-nos que alguma coisa fazem obrigando o snr. da luz electrica a retirar aquilo. Depois de lhes-emos os parabens. Enquanto não virmos obras e estiverem os censores á espera que falemos enquanto eles apertam a mão ao homem que querem ver combatido pelos outros, não batam á nossa porta que não se abre a importunos. Trate cada um da sua vida que nós também tratamos da nossa.

SEM MEDO

O director do «Ecos de Guimarães» comunica aos jornalistas de «pulso no ataque» "almas da razão," "moços republicanos," e a todos aqueles que, querendo um homem para os conduzir, o encontraram no director dos aludidos manebos, que não delega em ninguém a missão de o defender. Aparece sempre de frente e não receia tanto ardor republicano. A insultos não responde. Habitado a ser homem, nada quer com "moços republicanos," Ponto final.

A Calunia

«Os Atenienses fizeram deste flagelo uma Divindade. E talvez com razão bastante, porque o imperio da calunia é vasto e poderoso e ai do desgraçado que uma vez caiu debaixo dos seus enredos!

Accompanhada sempre por agentes tenebrosos, que constituem o seu sequito e lhe são muito dedicados, tais como, a ambição, a inveja, o egoismo, a astucia e o engano; e empunhando sempre o facho da discórdia, para, debaixo da sua fumarada, encobrir os pontos atingíveis da verdade, tem a calunia a sua agencia constantemente apinhada de freguezes. E ainda que os seus dolos cheguem muitas vezes a conhecer-se, os seus males são quasi sempre irremediaveis.

Limita-se muita gente a chamar á calunia — um vicio — sem se lembrarem, que o vicio é apenas um habito, um defeito fisico ou moral, que nem sempre constitue delicto ou criminalidade. Ao passo que a calunia, por mais simples e menos perigosa que pareça, não deixa de ser um crime de lesa-sociedade, altamente monstruoso; porque denunciar a innocencia, destruir a paz domestica, alcançar beneficios á custa de males alheios (*non est faciendum malum, ut veniant bona*) levar, enfim, a ignomia, a desolação e não poucas vezes, a morte, onde só reinava a mais completa felicidade, são atentados de tal ordem, que só podem ser forçados por obreiros infernaes.

Quando mais não seja, é ela, a calunia, semelhate ao carvão, que enegrese quando não queima.

Quem a usa deve ser, para sempre, expulso da sociedade.

Mas o caluniador é raro ser encontrado em flagrante delicto. Tão mau como cobarde, encobre-se sempre com a capa do anonimo, ou emprega rodeios traçozeiros e infames, com que se põe a coberto de toda a suspeita.

— Diz-se, assevera-se que... é o seu plano uzado. Arrastando e associando assim a multidão á responsabilidade da sua negra infamia, e fazendo com que, muitas vezes, pague o justo pelo peccador.

O sabio sensato Charron dizia que o caluniador é um fel, que corrompe todo o mel da nossa vida, e envenena uma sociedade inteira, com apparencias de interesse e amizade.

E como, para quem possui uma alma generosa e nobre, a honra vale mais que a propria vida, deve concluir-se que o caluniador é mil vezes mais odioso e mais perigoso que o proprio assassino, porque, se este tira a vida, aquele rouba a reputação e a honra, cuja perda é, para o homem probo e honesto, a ultima fase da desventura.

Em Roma, no tempo da Republica, o caluniador convicto era marcado com a letra R assinalada na testa com um ferro em brasa.

A Igreja anatematizou o caluniador como assassino. O concilio de Latráo julgou os caluniadores indignos do estado ecclesiastico, ainda que de futuro se corrigissem.

RINDO

O eminente jornalista e grande homem de letras que é o sr. Lêdecê, «surrumbiscador» do jornal «A Razão», deu à luz de publicidade mais um frasco do cheiro exquisito, que pelo que se viu em nada desmereceu os anteriores. Eu desejava fazer uso de subtilezas para lhe responder, mas como julgo que tal imodestia d'encontro às bochechas dum mestre de retórica seria uma ofensa ao proprio brio de Minerva, farei uso, bem sabemos que despeitado, duma linguagem simples e conhecida.

Pretende, Vossa Ex., que de tanto que estudo, ainda não aprendi o mais simples, o ser educado. Eu já respondi a isto nos meus artigos passados, e como não gosto de fazer a figura do calanguejo, dir-lhe-hei apenas: E' Vossa Ex. muito educado porque nunca frequentou a escola que tem por bancos as pedras da rua nem foi garoto de rua ou de esquina. Eu não sou educado porque os meus educadores tem com certeza uma índole muito diferente da dos seus.

Os meus versos, aquêles que lhe enviei, sofreram algumas grahlhas, como o 1.º, o 9.º e o 10.º, sem eu ter corrigido as provas, porque me lembrei, e com razão, que era um contra-senso dir vestes delicadas a corpos grosseiros. Quanto aos outros, creio que daí há falta de vista ou diferença de metro.

Eu sou singularmente atrevido, porque onsei responder com insolências às autorizadas palavras de Vossa Ex. um oráculo que se impõe, del. das culminancias da sabedoria, as exigências da Academia de Ciências e Letras.

Sou um ignorante particularmente, já se vê porque desconhecía que o laureado polemista sabia também fazer composições literárias como o famoso artigo do Natal, em que as travessas com bacalhão a dominar as couves e as batatas faziam companhia às taças, facas, garfos, copos, pratos, panelas e potes, emquanto que a Virinha, cincoenta e puxada, ficava a chuchar no dedo ao ver o olhar mussolinico do amigo con-

E, finalmente, o Papa Adriano condenou os caluniadores à pena de assoutes.

Mas, se percorrermos o Pentateuco encontraremos em qualquer dos cinco livros, que comprende essa famosa composição de Moysés, e contem a lei judaica, manifestado em varios conceitos e ensinamentos, o estigma de maldição e oprobrio, dado aos falsarios e caluniadores, por esse povo, que se impoz soberanamente a todas as imensas raças, gerações e famílias da especie humana, que se tem apregado sobre a terra porque a sua missão altamente religiosa, reunite ele a missão politica de preparar, pelas crenças emanadas do seu seio, a civilização do mundo.

Pois bem: como ele diremos nós também agora, e sempre:

Maldição e oprobrio a todos os caluniadores.

Um veterano.

sorte que fazia andar tudo numa roda viva.

Isto, com todos os mitondes, tresentos bitufes e todos os milhões de impetras chorosas, ao que se opuseram todos os suaves rumores por baixo nem sei de que...

Vossa Ex. julga que estamos no Parlamento?

Afinal, disse Vossa Ex. em passados artigos que eu queria mama, e que como tal o «Equus» que m'a desse.

Devo abrir-lhe os olhos, eminente sabedor de tudo quanto é beio? E' Vossa Ex. quem precisa procurar a mama, o que lhe fica mal, porque já come pão com côdea. Disse também que deixava este petiz; mas que diabo (!), en-volto nos meus doces devaneios de rapaz, mostrei á clara luz do dia que era Vossa Ex. quem queria armar ao pingarelho (como também se diz na minha terra). A imensa sabedoria de Vossa Ex. fe-lo parecer a meus olhos muito pouco conhecedor do assunto e notavelmente versado na estupidez, porque se esquece de que defendendo-me daqueles que me insultam, não sirvo pelo mesmo facto de delegado ao sr. Director do «Ecos».

Alí fica. Se Vossa Ex. visse mais alguma coisa e sobretudo conhecesse melhor a regra do bom viver, creio francamente que tomaria outra atitude.

E sem mais, fica o illustre jornalista ao facto do melhor. E usando de tam doce ratamento para com Vossa Ex. não passo por mal educado.

Bem sei que fui indiscreto e atrevido, pois provoqueei, insultei e tentei dar ao diabo a veneravel figura de Vossa Ex. mas a sua doença... pum!!!

Vou terminar para lhe poupar dissabores; todavia, afirmo-lhe que não há cego que se veja nem tolo que se conheça.

Guimarães, 26 de Janeiro de 1924.

DAVID BRAGA.

P. S. — Hay que grama lo? — Deus lhe dê saúde, muito obrigado.

Hoje não tomo. Até quando quizer.

Afinal, são palavras que o heroico soldado reserva ainda da Batalha de Aljubarrota. Desses homens há poucos!... Paciencia.

LÉNINE

Morreu? Talvez. Perdeu a Rússia um dos seus grandes tiranos. Entrou na eternidade, cheio de sangue. Foi um monstro.

Um monstro horrivel. O que ele fez na Rússia, todos o sabem. Ou antes ninguém o sabe ainda com exactidão. Quando os anos tiverem passado, poderemos todos contemplar a obra abominavel desse meio homem e fera inteira, em terras da Rússia. Morreu? Talvez. O mundo há de custar-lhe a crer na morte de Lenine. E' que nem a morte quererá nada com ele. Os grandes criminosos da historia sam santos deante deste monstro! Páz? Nem no tumulto a terá.

Carteira

CANCIONEIRO

Lua nova, lua cheia Oh! foco da claridade Formas serena a mancheia Desses raios de bondade.

Tu julgavas pobre lonca Que teu escravo seria. Mas a razão mesmo ronca Nunca tal consentiria.

SAUDADE.

- Fazem anos as Ex.ªs Senhoras. Dia 24—D. Luiza d'Araujo Freitas Guimarães. Dia 29—D. Maria d'Assunção Freitas Ribeiro. » 30—D. Maria Izabel de Sequeira Freire (S. Martinho). » 2—D. Guiomar Coimbra. » 2—D. Angelina Infante. » 3—D. Zilda Mendes Leite de Castro. » 3—D. Emilia da Conceição Ribeiro E os Senhores.

- Dia 29—Dr. Aires Macedo Chaves. » José Luiz de Pina. » Antonio Luiz da Silva Dantas. » 1—P. Abilio Augusto de Passos. » 2—Dr. Eduardo d'Almeida.

—Deu-nos a honra da sua visita o nosso dedicado correligionario sr. Inocencio Antunes Leite, de Braga.

—Esteve n'esta cidade o nosso presado correligionario sr. Amadeu Barroso, de Vieira do Minho.

—Esteve em Guimarães o nosso apreciado colaborador sr. Antodio Gabriel Pereira, de Roças.

—Vimos n'esta cidade o nosso bom amigo sr. Avelino Peixoto, de Vila Verde.

Nascimento

O Deu á luz uma menina a dedicada esposa do sr. Dr. Alberto Carneiro. As nossas felicitações.

Para o Céu

Embora um pouco tarde, complementamos o nosso illustre amigo sr. Rodrigo Lobo (Nespereira) pelo falecimento d'um seu filhinho.

Uma Capela em Ruínas

Pedimos mais uma vez aos devotos de nossa senhora da Conceição — nesta cidade tantos sam se não esqueçam de concorrer com um obulo, por mais pequeno que seja, para a ajuda das obras. Trata-se duma capela antiga a que tantas recordações nos prendem. Que todos concorram e aos estudantes do Liceu lembramos que lhes fica bem darem alguma coisa. Das suas almas francas e boas ainda não pervertidas pela vida, e de esperar um rasgo generoso. Ajudem, ajudem á reconstrução da capela e continue o nosso amigo sr. Araujo Salgado a receber os donativos. Proximamente publicaremos o nome dos subscritores.

Mutilados da Guerra

De um grupo de mutilados da grande guerra recebemos a carta seguinte:

Ex.ªs Senhores Deputados e Senadores da Nação Portuguesa.

Os Mutilados da Grande Guerra na França na Africa, no Mar, ao abrigo da alinea a) do artigo 6.º da lei n.º 1.170 de 21 de Maio de 1921; outrosim actualmente ao abrigo

das leis, n.ºs 1464, e 1467, respectivamente de 16 a 18 de Agosto proximo passado, veem por este meio mui respeitosamente, junto de V. Ex.ªs protestar contra o facto de alguns individuos servindo-se do nome de Mutilados de Guerra para por esse meio conseguirem que fossem apresentados dois projectos de lei na Camara dos Senhores Deputados, de que V. Ex.ª mui dignamente fazem parte; e cujos individuos elas irão beneficiar-muitissimos, dos quais, talvez nem á Guerra fossem, ou zona por ela comprehendida—desejam os mesmos gosar tanto, (não mais porque não lhes será concedido) como os Mutilados; quando é certo que alguns não sahiram fora do nosso torrão querido de Portugal.

Acham justo, os Mutilados que este memorial representa que os seus ex-colegas combatentes da Grande Guerra, sejam beneficiados aqueles que se inutilizaram, quer por ferimentos recebidos em combate ou por desastres; (acidentes de campanha), porque se lá não fossem, não teriam sofrido inutilisamentos corporais; e que diga-se talvez a verdade, alguns de bastante justiça e que até á presente data pouco foram beneficiados; mas que provem com os documentos precisos qual a proveniencia dos seus ferimentos, para poderem dizer, como disseram na sua reunião, que realizaram no Teatro Gil Vicente, que tem tanto direito como os abrangidos pelas leis que acima fica narrado a terem todas as

regalias; e que querem uma medalha como a dos Mutilados, criada pela lei n.º 1.467! Que tem o mesmo direito;... Não o contestam os signatarios deste protesto, podem ter até muito mais... Mas que aprenhem provas, porque caso contrario...

Ha muitos que a todo o transe querem passar por Mutilados, será com razão, será bem ela e não terão o direito a tal consideração?! Não compete aos Mutilados de Guerra fazer tal analise.

Talvez fosse justo a esses individuos, lhes applicasse uma lei que só aos mesmo abrangesse, mas sempre separadamente dos Mutilados de Guerra; pois caso contrario seram confundidos os Mutilados; o que deverá ser uma honra chamar-se assim; com outros, reformados antes da Grande Guerra e que por qualquer circunstancia foram colocados ao abrigo da lei n.º 1.170,

Caso sejam aprovados esses projectos de lei apresentados pelos illustres Deputados Sr. Diniz da Fonseca e Agatão Lança, será criada uma tal quantidade de Mutilados!!!...

Deixará de haver Mutilados da Grande Guerra, pois os signatarios envergonhar-se-ão de serem confundidos com outros, etc. etc.

Deixando ao alto critério e patriotismo de V. Ex.ªs tem a honra de serem, com a maxima consideração e respeito.

Lisboa, Janeiro de 1924.

Um Grupo de Mutilados da Grande Guerra.

A ULTRAMARINA

Nova Agencia de Passagens e Passaportes a unica casa que na cidade de Guimarães pode tratar, cujo agente official é

JOÃO ESTEVES

RUA ELIAS GARCIA (ANTIGA RUA DE SANTA MARIA)-GUIMARÃES

Esta casa que acaba de abrir legalmente habilitada pelos Ex.ªs Srs. Ministro do Interior e Commissario Geral dos Servicos de Emigração, trata de todos os documentos necessarios para obter passaportes com destino ao

Brazil — Argentina — França e Africa Hespanha e mais nações da America da Europa

Trata-se de passagens para toda a parte, nos melhores vapores de todas as Companhias de qualquer nacionalidade.

Dar a preferencia a esta casa é obter a certeza de nunca terem margem a qualquer reclamação.

O proprietario desta casa procurará todos os meios para que os seus passageiros sigam ao seu destino o mais rapido possivel, para assim se tornar conhecido o seu nome e sua casa.

Procurem e peçam informações á ULTRAMARINA e estas serão dadas gratuitamente.

Dirigir CORRESPONDENCIA ao AGENTE OFFICIAL

JOÃO ESTEVES.

Passagens e Passaportes — GUIMARÃES.

“Ecoss de Guimarães,”

8.º ANO ORGÃO MONARQUICO N.º 4

Ex.º Sr.